

Trabalho de campo e ensino de Geografia

Leonardo Dirceu Azambuja*

Resumo

Na Geografia Clássica, a observação e a descrição das formas espaciais era o resultado da realização do trabalho de campo. A renovação teórica e metodológica da Geografia qualificou este procedimento de pesquisa acrescentando neste resultado a interpretação do movimento presente nas relações socioespaciais. O trabalho de campo desenvolvido no ensino de Geografia na Educação Básica é uma atividade didática compatível com os novos paradigmas do ensino-pesquisa ou da construção social do conhecimento escolar. Refletir sobre o trabalho de campo no ensino de Geografia, considerando as mudanças na ciência e no ensino da ciência constitui o objeto do presente texto, incluindo algumas indicações de procedimentos e possibilidades para a realização didática de trabalhos de campo na escola.

Palavras-chave: Geografia; Metodologia de ensino; Trabalho de campo; Ensino de Geografia.

Field work and teaching of geography

Abstract

In Classical Geography, observation and description of the spatial forms was the result of the achievement of field work. The theoretical and methodological renovation of Geography qualified this research procedure adding this result to the interpretation of the movement in the socio-spatial relationships. The field work developed in teaching Geography in Basic Education is a didactic

* Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá - UEM (leonardodirceuazambuja@gmail.com).

activity compatible with the new paradigms of teaching and research or de social construction of school knowledge. Reflection on field work in teaching Geography, considering the changes in science and in teaching science is the subject of this text. Some indications of procedures and possibilities for the realization of didactic field work in school are also included.

Key words: Geography; Teaching methodology; Fieldwork; Teaching Geography.

Introdução

No ensino tradicional de Geografia o professor repassa para os alunos conteúdos previamente selecionados e organizados. O livro texto constitui-se no recurso didático definidor do conteúdo-forma dessa prática de ensino. Não há nesse paradigma pedagógico a necessidade de diversificar as fontes de informações e ou de ampliar ou dinamizar o processo de ensino-aprendizagem. O professor ensina o que está à mão, ou seja, no manual didático e, ao aluno, cabe o lugar do ser que aprende e responde sobre o conteúdo recebido por meio dos testes de avaliação. O trabalho de campo não é, portanto, uma atividade necessária para essa Geografia Escolar.

Num ensino renovado de Geografia as definições de conteúdo-forma são partes do processo de planejamento e de realização das atividades. A diversidade das fontes de informações e dos recursos didáticos é condição essencial para o ensino-aprendizagem. O livro didático pode continuar como um dos recursos, porém, não mais o único e determinante no fazer escolar. Nesse novo paradigma há lugar para o trabalho de campo enquanto uma atividade de pesquisa escolar presente nas ações de professores e alunos.

Relacionar trabalho de campo e ensino de Geografia na Educação Básica atende a perspectiva de renovação didática desta ciência e este é o tema do presente texto. Numa primeira parte

vamos focar o trabalho de campo e a ciência geográfica. Na sequência vamos escrever sobre a metodologia de ensino compatível com esse tipo de atividade escolar e, finalmente, refletir sobre os procedimentos e as possibilidades de realização didática de trabalhos de campo na escola.

Geografia e trabalho de campo

O trabalho de campo é uma atividade de pesquisa que acompanha a Geografia desde a sua constituição como Ciência Moderna. Na Geografia Clássica o método de estudo incluía a observação, a descrição e a explicação dos elementos naturais e humanos que compunham a paisagem de cada lugar. Daí que é da tradição geográfica a realização de excursões/ expedições para o estudo de uma determinada localidade, região ou país.

Neste paradigma metodológico o trabalho de campo consiste em ver o lugar, as formas da paisagem, registrar as informações por escrito, nas cartas e mapas, ou ainda, por meio de imagens. Pesquisar sobre um lugar compreende a produção de um inventário de elementos da natureza, identificando o quadro natural e de elementos humanos ou culturais ali existentes.

É oportuno destacar que a observação e a descrição, desde o período Clássico da Geografia, representam práticas que contém em si também uma atitude de interpretação. São práticas seletivas, orientadas pelas finalidades e concepções de conceitos assumidas pelo pesquisador e, por isso, não neutras. O olhar geográfico é um olhar da mente, do pensamento, um olhar metodológico, diferente daquele de turistas e viajantes ou de alguém que faz isso no seu cotidiano. O método da ciência é que faz a diferença e efetiva a qualidade científica a ação de observação enquanto forma de investigação da realidade.

Na Geografia Clássica o trabalho de campo se ocupava das formas espaciais e isso era suficiente para as exigências e finalidades daquele contexto socioespacial do século XIX e parte

do século XX. Agora, a análise geográfica precisa ir para além das formas incluindo também a leitura dos processos e das funções.

O trabalho de campo compatível com esse novo momento da Geografia requer manter a observação e a descrição das formas, porém, com outra qualidade neste procedimento. É preciso ver também o movimento espacial e temporal presente nas relações socioespaciais. Não é suficiente ver a paisagem como forma aparente, mas é preciso, também, ver enquanto lugar e espaço geográfico.

O espaço geográfico contém a paisagem, ou poderíamos dizer as formas espaciais que compõem o sistema de objetos naturais e sociais. Mas o olhar geográfico é mais abrangente, identifica também o processo ou a formação, a dimensão histórica, o passado e o presente das formas espaciais. O presente inclui as relações socioespaciais, à forma se agrega o estudo da função. As ações ou o sistema de ações atualizam e dão movimento aos objetos espaciais, significando a unidade ou o conjunto indissociável de objetos e ações. O espaço geográfico é então um espaço em movimento. Decorrente disso é que se pode vincular a idéia de que tal espaço em movimento constitui-se em lugar da prática social, um “*território usado*” (SANTOS, 2006:14).

Nesse conteúdo-forma do espaço geográfico está contida também a manifestação das desigualdades socioespaciais. Os lugares não são iguais, são desiguais e por isso se relacionam, estabelecem fluxos de produtos, capitais, população, informações e normas. Daí que os lugares não mais se explicam em si mesmos, mas na relação com os outros lugares.

Outra implicação metodológica, que precisa ser considerada para se pensar o trabalho de campo, diz respeito aos níveis ou a escala de análise geográfica.

Na Geografia Clássica a paisagem observada e descrita representava também a escala de análise. O espaço de localização coincidia com o espaço de interpretação. O lugar ou a região era concebido como único ou singular. Este é o limite da análise que não mais atende as necessidades atuais de interpretação geográfica.

Na atualidade, o lugar ou a região é o espaço de localização, mas também, de concretização das relações socioespaciais internas e externas a esse espaço.

Desse modo, para ser coerente com a atualização conceitual e de método da Geografia, o trabalho de campo continuará acontecendo num determinado lugar ou região, como nível de análise privilegiado para a observação de determinadas formas, funções, processos. No entanto, a interpretação necessariamente será multiescalar. Esse entendimento é referendado por Corrêa (1996), quando afirma:

espaciais – que o trabalho de campo coloca em evidência em nível local e regional, não tem existência plenamente autônoma, mas são, ao menos em parte, dependentes de processos gerados fora da área ou região de estudo. Numa economia globalizada é de fundamental importância que não se perca de vista os nexos que articulam o local, o regional, o nacional e o global... [...] (p. 15)

As diversas ocorrências, conforme referidas pelo autor serão registradas pelo pesquisador durante o trabalho de campo. A dimensão de processo ou de formação estará na infra-estrutura e na arquitetura das edificações que compõem as paisagens urbanas, nas transformações produzidas nas paisagens agrárias pelas práticas agrícolas e ou pelo extrativismo, nas infra-estruturas de transportes e de comunicações, nas histórias de vida das pessoas, nas relações sociais de trabalho e ou nos processos naturais.

O trabalho de campo terá esse olhar também para o movimento da natureza e da sociedade, para o sistema de objetos e de ações, naturais e sociais que compreende a totalidade socioespacial. Será o procedimento de pesquisa que continuará possibilitando a observação, a descrição e a explicação das paisagens, incluindo a interpretação da realidade nela manifestada. É essa renovação metodológica da Geografia e do trabalho de campo que será compatível com a renovação didática da disciplina e da atividade escolar de trabalho de campo na Educação Básica.

A metodologia de ensino e o trabalho de campo

A escola é o lugar social de apropriação recriada do saber sistematizado e de superação do senso-comum. No processo de ensinar e de apreender o conhecimento escolar, coloca-se em diálogo o saber prévio, sincrético, dos educando e o saber da ciência. Nessa relação, que precisa ser dialógica, os conteúdos científicos são reconstruídos e (re)significados pelas vivências sócio-históricas dos indivíduos e dos grupos sociais que integram a comunidade escolar.

Para cumprir a função educativa, mais formativa do que informativa dos sujeitos é que se define a forma escolar ou o conteúdo-forma escolar do conhecimento. Na Pedagogia e na Didática Tradicional a transposição do conteúdo já vem pronta, com o livro ou o manual didático exercendo o papel de instrumento vetor das práticas de ensino.

Já nas vertentes da Pedagogia e da Didática identificadas com os novos paradigmas do ensino-pesquisa ou da construção social do conhecimento, o conteúdo-forma do ensino escolar se constrói com o envolvimento dos sujeitos da comunidade escolar. O planejamento passa a ser uma condição necessária para dar significado às práticas de ensino. Planejar é fazer escolhas, definindo prioridades: o que fazer como fazer, com o que fazer, por que e para que/quem fazer. O planejamento curricular da escola inclui o projeto político-pedagógico, o regimento e o calendário escolar, o plano de estudo e os planos de ensino. A referência neste momento é com a ponta desse processo, ou seja, os planos de ensino.

Na perspectiva escolar o planejamento compreende as definições quanto à organização dos temas de estudo, dos conteúdos, das atividades, dos recursos didáticos e das formas de avaliação da aprendizagem. É necessário ter a projeção do trabalho para o ano letivo (plano de curso) e a estratégia de planejar o tempo médio das proposições didáticas conhecidas como projetos de trabalho, unidades temáticas, estudo do meio e situação de

estudo. Ainda, é preciso planejar o tempo representado pela aula de cada semana, ou seja, elaborar os planos de aula.

Nessa processualidade, a proposição de planejamento temático para o tempo médio é uma etapa essencial para a prática do ensino-pesquisa. Projetar o tema e o estudo do tema por meio de metodologias de ensino problematizadoras, participativas e cooperativas constitui uma estratégia fundante para a renovação e dinamização didática da Geografia e de outras disciplinas escolares. (Azambuja, 2011).

Para a Geografia, a definição do tema significa estabelecer a periodização e os respectivos recortes espacial (escala geográfica) e temático, ou seja, delimitar a parte da realidade que será objeto do conteúdo geográfico escolar. Os temas constituem-se em temas geográficos porque são trabalhados ou interpretados por meio dos referenciais teóricos e metodológicos da Geografia.

Para a Geografia Escolar esse objeto geográfico será o tema disciplinar na medida em que se elabora como tal pela transposição para a condição de conteúdo-forma da ou na finalidade educativa.

Os temas são escolhas motivadas pelo momento vivido e ou pelo acesso as informações relacionadas ao contexto vivenciado pelos alunos e professores na relação com o conhecimento disciplinar e ou interdisciplinar. O tema é o modo de selecionar e organizar o conteúdo, aproximando a universalidade da ciência com as particularidades da vida dos alunos e demais sujeitos da comunidade escolar.

Estudar um tema geográfico compreende o desenvolvimento de atividades problematizadoras que oportunizam a significação do conteúdo para os alunos, de atividades de investigação para ampliar o universo de informações e de possibilidades de análise e compreensão da realidade em estudo e, de atividades de sistematização do novo nível de entendimento dessa mesma realidade expresso nas elaborações do conhecimento escolar por parte dos alunos.

Planejar o estudo de um tema por meio de projeto de trabalho, unidade temática, estudo do meio ou situação de estudo

significa pensar previamente as atividades e os recursos didáticos necessários. O livro didático não se constituirá em aula pronta e sim em um dos recursos ou fontes de estudo. A biblioteca escolar, o laboratório de informática da escola, as salas de multimeios também estarão incluídas nas mediações do ensino-aprendizagem. A sala de aula amplia-se para além das quatro paredes, incluindo os outros espaços da escola, mas não somente estes. Na Geografia o olhar vai além, o meio geográfico em estudo é então fonte de pesquisa por meio do trabalho de campo escolar.

O trabalho de campo no ensino de Geografia

Para o ensino de Geografia o trabalho de campo é um momento ou uma atividade de pesquisa. O tema em estudo e o lugar que está sendo objeto de estudo é elemento foco para as investigações programadas. O aluno vai a campo com o olhar e a mente de estudante para observar paisagens e espaços geográficos, entrevistar ou conversar com pessoas e coletar dados e informações a partir das suas referências conceituais e de vida

“...durante o trabalho de campo, educadores e educando devem submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores, com eles mesmos. É o momento de descobrir que o meio ou o espaço, na inter-relação de processos naturais e sociais, é uma Geografia viva.” (LOPES & PONTUSCHKA, 2010:30)

O trabalho de campo é também potencialmente uma atividade interdisciplinar que pode ser planejada e realizada para atender a uma temática comum às várias áreas do conhecimento e, ao mesmo tempo, atender as especificidades de disciplinas escolares. A interdisciplinaridade corresponde à prática de ensino e aprendizagem na qual mais de uma disciplina trabalha a mesma realidade, mantendo o seu foco de análise, mas também, entrelaçando elementos comuns de interpretação e de exposição

dos resultados. A prática interdisciplinar acontece a partir de um tema de estudo definido na interação da realidade com a ciência.

O trabalho de campo enquanto atividade escolar precisa ser parte do processo de estudo de um tema. Daí a relação que se pode fazer com as formas de planejamento do ensino, em tempo médio. O trabalho de campo será uma atividade planejada para integrar projetos de trabalho, unidades temáticas, estudos do meio e situações de estudo. Não será uma atividade isolada, fragmentada e sim, uma aula a campo, um momento de ampliação dos espaços de investigação oportunizando aos alunos

“... a ampliação desse território levando, ao mesmo tempo, a ‘sala de aula e a escola’ para o mundo – um lugar ou situação mais específica ou particular deste mundo para ser pesquisado e estudado –, e o mundo – mais real e concreto –, para dentro da sala de aula e da escola.” (LOPES & PONTUSCHKA, op.cit, p.32)

As metodologias de ensino citadas acima são proposições sintonizadas com práticas de ensino cooperativas porque instigam o coletivo e a cooperação entre os sujeitos da comunidade escolar, o diálogo entre as disciplinas e ou áreas do conhecimento, criam necessidades para a diversidade de linguagens, fontes e meios didáticos. São metodologias já conhecidas na área da Didática enquanto proposições integradoras e dinamizadoras do fazer escolar.

No entanto, cabe dentre essas proposições, fazer um destaque sobre o estudo do meio. O estudo do meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que inclui o trabalho de campo como uma de suas atividades. O meio é um lugar, um ambiente físico, biológico e sócio-cultural, um meio ambiente geográfico, histórico, cultural. Nesse caso, o trabalho de campo é uma etapa necessária ou inerente à essa metodologia. O meio se constitui em fonte essencial de dados e informações a serem observadas, pesquisada. O estudo se completa pela realização de atividades didáticas com o uso fontes bibliográficas e ou de dados

secundários sobre o tema e a área territorial a ser investigada e, atividades de sistematização e de exposição dos resultados.

Nas outras formas didáticas: projeto de trabalho, unidade temática e situação de estudo, o trabalho de campo não é necessariamente uma imposição, porém, será sempre oportuno para dinamizar e produzir significados sócio-históricos aos conteúdos escolares. O estudo de temas por meio de projetos de trabalho, unidades temáticas ou situações de estudo ganharão mais vida e interesse dos alunos quando incluído no planejamento as atividades de investigação a campo.

O ponto de partida para a realização do trabalho de campo escolar, considerando todas as proposições didáticas apresentadas, será o tema e ou o lugar que está sendo o objeto de estudo. É oportuno lembrar que o lugar ou o local a ser visitado é expressão de relações que acontecem para além, com outros lugares, em âmbito regional, nacional ou no plano mundial. O tema, portanto, é mais abrangente e necessita de interpretações multiescalares. No bairro, na cidade ou na região são encontradas manifestações de processos, funções e formas que concretizam histórica e socialmente as dinâmicas do agrário, da urbanização, da industrialização brasileira e ou de outras temáticas e escalas geográficas.

Assim, a primeira pergunta a ser colocada quando do planejamento da atividade a campo será:

O que objetivamos buscar ou investigar a campo? A partir do já conhecido e dos estudos previamente efetivados em sala de aula, são estabelecidas as definições necessárias por parte do coletivo de professores e alunos. As escolhas implicam em identificar as questões qualitativas e quantitativas a serem pesquisadas no local e ou no trajeto que envolve o trabalho de campo.

A seqüência do planejamento constará ainda de responder outras questões tais como:

Onde vamos? Elaborar o roteiro com informações sobre o percurso, os lugares que serão visitados, itinerários, horários e

demais orientações para uma boa organização individual e coletiva de todos os participantes.

Como vamos coletar e registrar os dados, informações, opiniões? Observar os lugares, coletar dados, entrevistar/conversar com as pessoas serão as formas de diálogo dos pesquisadores com os lugares pesquisados. O caderno ou o bloco de anotações e os instrumentos para registrar imagens e sons serão as formas de guarda dos dados, das informações e opiniões para a seqüência dos estudos em sala de aula.

A observação é uma forma de investigação que oportuniza o olhar histórico-geográfico de uma paisagem, dos elementos testemunhos e dos movimentos temporais e espaciais. Para a observação de uma paisagem Wagner e Mikesell (2000, p. 137) apresentam um conjunto de questões que podem ser orientadoras dessa ação: o que é antigo e o que é recente? O que é típico e o que é excepcional? O que é acidental e o que é intencional? O que é transitório e o que é permanente? O que foi imposto pelo homem e o que foi oferecido pela natureza?

Ter essas perguntas como roteiro de observação da paisagem, não como questionário estanque, poderá ser uma boa referência para observar o passado e o presente, as transformações e as permanências. Ainda, se acrescentarmos as perguntas: o que aconteceu aqui, e, o que está acontecendo aqui vamos também resgatar o processo, as ações, os atores e as mudanças ou os movimentos que produziram e produzem a paisagem atual, qualificando a leitura do espaço geográfico.

A coleta de dados e ou informações, para além daquelas secundárias já buscadas em fontes bibliográficas impressas e eletrônicas, poderá acontecer por meio de materiais disponibilizados nos locais visitados: folders, catálogos, publicações institucionais (revistas e jornais das empresas, entidades, instituições), mapas de roteiros turísticos. Ou ainda, dados e informações obtidos nos contatos pessoais durante a realização da visita.

Nos locais visitados poderemos entrevistar/ conversar com as pessoas e elas serão sempre fonte de escuta ou de interpretação da realidade. Podemos fazer entrevistas mais organizadas com roteiros de questões, mas também, poderá ser oportuno aos alunos e professores desenvolver conversas, perguntas articuladas de acordo com as necessidades e ou oportunidades do momento e de acordo com os objetivos anteriormente definidos para a investigação.

Para o registro dos dados e ou informações podemos nos referir ao tradicional instrumento de pesquisa dos geógrafos e de outros pesquisadores, o caderno de campo. Ter um caderno ou bloco para anotações escritas, desenhos, croquis é um procedimento didático significativo para desenvolver a habilidade de registro. No caderno de campo poderão constar antecipadamente orientações sobre a organização do trabalho, tais como, informações sobre os roteiros e os lugares da pesquisa, mapas e textos informativos sobre o tema em estudo.

Mas ao par desse tradicional instrumento de trabalho de campo que precisamos preservar, considerando a validade e pertinência didática, temos a possibilidade de uso de novas tecnologias de informação e comunicação. Certamente os alunos têm mais facilidades para trabalhar a campo com equipamentos portáteis tais como, computadores ou *tablet*, *GPS*, telefones celulares e máquinas fotográficas fazendo o uso de mapas e imagens virtuais para o registro dos dados e das informações coletadas nas atividades a campo.

Com esses registros conclui-se uma etapa. Temos dados, informações, opiniões, e agora, o que fazer? Já explicitamos anteriormente o entendimento de que o trabalho de campo não é uma atividade didática isolada, e sim, é uma atividade incluída no processo de estudo de um tema. Por isso, o planejamento inclui este ponto de chegada. O que fazer após a realização da saída à campo ou da excursão de estudo? Daí a necessidade da questão a seguir também ser parte do plano de aula elaborado enquanto trabalho de campo.

Como vamos organizar e analisar os dados e as informações? Os dados, informações, opiniões e materiais recolhidos são agora recursos para a continuidade dos estudos disciplinares e interdisciplinares em sala de aula. São recursos a serem explorados didaticamente para potencializar e dinamizar as aprendizagens por meio de atividades de análise e da sistematização da investigação realizada a campo e daquelas já realizadas anteriormente ou que ainda vão ser realizadas em sala de aula.

Esse é o momento da elaboração do novo conhecimento escolar, da exposição dos resultados por meio de trabalhos escolares, tais como, os textos narrativos, dissertativos e relatórios, elaboração de vídeos, mapas temáticos e ou maquetes, quadro mural com fotos, desenhos e textos; álbum de noticiais, portfólios e exposição de materiais. É a fase de totalização ou de elaboração da síntese, completando o processo de estudo do tema problematizado no ponto de partida. É também o momento do debate, do seminário, da avaliação da aprendizagem e da projeção de novos estudos que acontecerão na seqüência do ano letivo.

Considerações finais

As mudanças de paradigma metodológico da ciência geográfica e da Geografia Escolar protagonizam transformações nos procedimentos didáticos relacionados com essa disciplina na escola e com a prática do trabalho de campo enquanto atividade de ensino-aprendizagem.

A investigação a campo como momento essencial da pesquisa geográfica é assumida pelos novos paradigmas metodológicos da ciência. A observação e descrição das formas espaciais tal como praticadas pela Geografia Clássica continuam válidas. A mudança metodológica qualitativa da análise geográfica está em ir além da observação e da descrição incluindo também a explicação ou a interpretação dessas formas espaciais. A Geografia objetiva elaborar a interpretação do movimento e atualidade do

espaço geográfico e o trabalho de campo precisa então atender a esse pressuposto.

Na área do ensino a seleção e organização dos conteúdos escolares na forma de temas e o desenvolvimento da prática de planejamento por meio de metodologias de ensino problematizadoras, participativas e cooperativas, evidencia a necessidade e oportuniza a ampliação das fontes e recursos didáticos. O trabalho de campo escolar constitui uma dessas possibilidades como um dos momentos de ensino-pesquisa disciplinar e interdisciplinar. Esse é o caminho da Geografia Escolar empenhada com a finalidade em fazer os alunos estudantes entenderem o seu lugar e os outros lugares para que cada um entenda-se sujeito das suas ações.

Referências bibliográficas

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. Metodologias cooperativas para ensinar e aprender Geografia. In: CALLAI, Helena Copetti (Org.) **Educação geográfica: reflexões e práticas**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2011, p.185 – 210.

COLTRINARI, Lilian. **Trabalho de campo, Geografia, século XXI**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Geografia: UFSC; Colóquio O Discurso Geográfico na Aurora do Século XXI, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trabalho de campo e globalização**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Geografia: UFSC; Colóquio O Discurso Geográfico na Aurora do Século XXI, 1996.

LOPES, Claudivan Sanches e PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do Meio: fundamentos e estratégias**. Maringá: Eduem, 2010 (Coleção Fundamentum).

NIDELCOFF, María Teresa. **As Ciências Sociais na escola**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

AZAMBUJA, L.D. Trabalho de campo e ensino de Geografia.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda & CACETE, Núria Hanglei (Orgs.). **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton e outros. **Territórios, territórios**: ensaios sobre a ordenação territorial. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em Geografia: uma abordagem. In: **Boletim Paulista de Geografia** / Seção São Paulo - Associação dos Geógrafos Brasileiros. - nº 1 (1949) - São Paulo: AGB, 1949, p. 07-24.

WAGNER, Philip L. e MIKESELL, Marvin W. Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural**: um século. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000, p. 111-167

Recebido em novembro de 2011

Aceito em junho de 2012